



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL

O Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

19 de Agosto de 2006 • Ano LXIII • N.º 1629
Preço: € 0,30 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Acílio • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 255752285
Fax 255753799 - Email: obradarua@iol.pt — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239

«Dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus»

A propósito do quinquentenário de Padre Américo

Monsenhor Arnaldo Pinto Cardoso, Postulador do Processo de Beatificação de Pai Américo, proferiu, no dia da apresentação do último livro, na Biblioteca Almeida Garrett, no Porto, um discurso que apresentamos aos nossos leitores. Chamamos a atenção para o que ele chama «Engenharia Social» em contraponto com o fruto da chamada Caridade cristã, e o seu pedido: «A tensão entre uma Engenharia Social e um estilo de vida familiar deveria resolver-se para o bem das pessoas em causa».

QUANDO tive conhecimento desta homenagem ao Padre Américo, pensei logo em estar presente para, na qualidade de Postulador, poder falar do significado do seu Processo de Beatificação, na actual conjuntura, para Portugal. Em primeiro lugar, devo reconhecer que confrontar-se com a Causa de Canonização de um homem como o Padre Américo é uma interpelação enorme a descobrir as razões e o sentido profundo de uma vida extraordinária. Das lições da sua vida plena, provem o sentido de exigência e de responsabilidade que se experimenta no seu discurso e no seu actuar.

O Processo de Beatificação do Padre Américo foi iniciado em 1986, um ano antes da celebração do Centenário do seu nascimento. Por essa ocasião, a Conferência Episcopal Portuguesa publicou uma Nota Pastoral em sua homenagem e vários foram os artigos publicados sobre a figura e a Obra do Padre Américo Monteiro de Aguiar.

Em 1995, ficou encerrada a fase diocesana do Processo, tendo sido entregue em Roma, na Congregação dos Santos. Nos anos seguintes, trabalhou-se no Processo, preparando a chamada *Positio*, a qual foi entregue em 2004 na referida Congregação. Tal etapa ocorreu apenas a dois anos da recordação do 50.º aniversário da sua morte. Dir-se-ia que o Processo segue a cadência memorial da sua vida e morte.

Procurando sintetizar em dois pensamentos a vida do Padre Américo, encontro dois particularmente eloquentes para o momento que a sua Obra está a viver.

1 — «Dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus» (Lc 20, 25). Estas palavras do Evangelho constituíram um código de vida para o Padre Américo. A sua vida caracterizou-se sempre por dar um grande sentido de respeito para com as autoridades civis e de obediência às autoridades eclesiais. Quando, um dia, para dissolver mal-entendidos, lhe foi imposta uma Comissão Administrativa, ele acatou, em paz, a decisão.

Relativizando medidas administrativas que outros julgavam importantes, o centro da sua atenção era informado por um delicado sentido de responsabilidade social, de raiz cristã, que o impelia ao anúncio da Verdade e da Justiça e à denúncia da injustiça e da hipocrisia. Por isso, como um profeta, ele aparece sempre de pé diante de César, e de joelhos diante de Deus.

Pode-se afirmar que o Padre Américo foi um pedinte incansável, mas não subserviente: pedia nas igrejas e nos ministérios, nas praças e nos teatros, com a palavra oral e a palavra escrita. Pedia sempre, como um gesto de amor pelos que nada tinham, como um grito de justiça em favor das vítimas inocentes, como um espinho pungente na consciência dos instalados. Pedia para os outros, os Pobres, e pedia para que os outros, os abastados e os responsáveis, pudessem abrir os olhos para a miséria ao seu redor. E a gente entendeu, correspondeu. E admirou o seu perfil de humanidade, não comum, não de escola académica, não de engenharia social, porque a raiz da sua mundividência não era outra senão DEUS. A lógica da sua Fé pô-lo em estado de alerta permanente, para que o Homem todo, corpo e espírito, pudesse ser salvo, e não raro estava na base do desacordo entre a sua metodologia e as exigências estatais.

2 — «O que possuo é para ser dado», escrevia o Padre Américo. Esta afirmação resume a sua vida de Padre. A sua paixão pelos Pobres estava na esfera da compaixão de Cristo perante a multidão com fome e sem pastor. Nela se sentia eco do *Misereor super turbam...*

Esta opção de vida contava, não com o poder do dinheiro amealhado, mas com o paradoxo da Pobreza vivida. «Por fortuna sou pobre», dizia. «Obra rica cria traça», era outra afirmação sua. Ele, que em África procurou fortuna, fez-se Pobre, para poder enriquecer

Continua na página 3



Diogo (mais um neto assim chamado, este), filho do Toni e da Cristina.

Família

FOI a onda dos «retornados» que os trouxe a Paço de Sousa. O pai perdeu-se na onda, se acaso não estava já perdido. A mãe, impotente para abraçar todos os filhos, entregou-nos os três rapazes. Mãe e filhos — gente capaz, vítima de acontecimentos que não estavam ao seu alcance controlar.

Os três irmãos fizeram sua carreira, boa carreira, sempre em relação saudável com a nova Família e com a mãe, que foi exemplar. Todos tinham jeito para a bola, sobretudo os dois mais velhos que, cedo, começaram a ser *namorados* por uma classe de gente mais interessada em pés que chutam bem do que no bem das pessoas que têm tais pés. Frequentavam já o Ensino Secundário, um deles orientado para a Faculdade do Desporto, quando os *tentadores* conseguiram vencer a resistência e os

Continua na página 4

O carisma de Pai Américo

SOB este título, publicou o Padre Jorge Teixeira da Cunha, Director da Faculdade de Teologia do Porto da Universidade Católica Portuguesa, uma reflexão que me pareceu das mais completas e mais próximas da realidade.

Um carisma difícil de classificar porque abrange simultaneamente muitos carismas dos mais raros de conseguir.

Este modelo de humanismo e de santidade é descrito por Pai Américo no seu testamento não para ser visto por ele, que o vivia e nele se iluminava, mas para ser experimentado por outros a quem quis chamar de Padres da Rua.

É a vivência deste testamento em toda a sua amplitude que torna subjectiva aquela capacidade que o Padre da Rua vive e transmite mais pela vida e compromisso do que pelas suas palavras ou escritos. Vivendo este ideal, transmite sempre algo de subjectivo, pessoal. É que ele sente o que vê, o que é. E é, por isso, pessoal ou subjectivo. Daí a grande dificuldade de revelar o que é a Obra do Padre Américo a quem a não vive.

Porque é que uma Casa de Rapazes se não poderá também chamar Casa do Gaiato? Eis a pergunta que me moeu o juízo no Ministério da Segurança Social, há tempos, quando se punha o problema de uma Casa sair da Obra e continuar com o nome de Casa do Gaiato.

Se não houver alguém que viva esta subjectividade evangélica, tal e qual a exigiu o Padre Américo aos Padres da Rua, como se poderá pôr de pé uma Casa de família para Rapazes sem ela? Como?

Tudo que se fizer ou proclamar é pura ficção.

«As criações do Padre Américo, sobretudo as Casas do Gaiato, têm a marca intransferível da subjectividade do seu criador. Seja a Igreja, seja o Estado, quando se abeiram dela, para melhorar o que é perfectível ou inaceitável, cinquenta anos depois, têm de ter em conta este factor que é a riqueza mais importante dela».

É nesta subjectividade que se alimenta o amor aos Rapazes e o amor dos Rapazes uns pelos outros, e todos pelos Padres da Rua, como pelas Senhoras da Obra. Amar sem medida, até ao heroísmo!

O Rapaz, o Pobre ou o Doente, é sempre uma aparição do real, sem mediação. É Jesus a Quem se ama.

O Carisma de Pai Américo é, naturalmente, difícil de classificar.

Como é que o mundo há-de entender-nos? Como não nos há-de perseguir, ele que pretende que nós façamos como ele faz?

«A passagem dos cinquenta anos sobre a morte do Padre Américo Monteiro de Aguiar é ocasião para olharmos para uma figura cujo afecto não morreu na alma do povo mas cujo carisma é difícil de classificar. Para a Igreja e para a sociedade, a originalidade deste modelo de humanismo e de santidade está longe de ser descrita na sua identidade continuada na sua originalidade. Está fora de dúvida que era uma personalidade riquíssima de virtualidades, mas na hora de con-

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

PAI AMÉRICO — Lembramos bem as notas de Pai Américo, que nos ficaram para sempre, na viagem que realizámos a África. Foi um correr da sua vida passada...

Em Moçambique, então, que dizermos de seus antigos Amigos que o receberam com a máxima amizade e delicadeza, pois deixou no coração deles tudo o que fora, como Homem bom, nas suas funções de trabalho e não só.

Aliás, os seus Amigos eram pessoas de muito gabarito, no meio moçambicano, em todo o sentido.

Não posso nem devo dar força a um ou a outro, que todos eles foram um sinal de toda a ordem, que definiu a vida de Pai Américo.

PARTILHA — A assinante 5963, de Paço de Arcos, que vem até nós, há muito tempo, com suas saudações, «presente com um cheque, partilha habitual para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus» e outra remessa para as Casas de África. Deus lhe pague.

Outra presença habitual, Lourdes, de Cacém: «Como é costume, mais uns pósinhos» para a Conferência. «Gostaria de poder ajudar mais, mas também não posso. Vou pedindo sempre que tenham muita saúde para continuarem a acção em vossa Conferência». Obrigado.

Mais um cheque, de sessenta euros, «contribuição relativa aos meses de Maio e Junho, que desta vez mando já atrasada, pelo que peço desculpa». São do assinante 53241, do Luso.

Duas remessas da assinante 54917, de Aveiro. Tudo com muita delicadeza, também!

Agora, temos um cheque de duzentos euros, da assinante 57002, da Senhora da Hora: «Será para distribuírem segundo o vosso critério, pois bem sabem das dificuldades dos vossos Pobres. Sinto-me grata por poder colaborar convosco e saber que a minha pequena oferta é bem entregue e será bem aplicada».

Assinante 20856, de Espinho (onde distribuí, há muito tempo, o nosso Jornal), «com cem euros para ajuda dos vossos Pobres. Vai um pouco mais do que o habitual, pois as necessidades que tenho são muitas. Tudo referente ao primeiro semestre de 2006».

Da Cova da Piedade (Almada), mais cem euros, do assinante 46120, «como forma modesta de contribuir para os mais necessitados».

Vinte e cinco euros, da assinante 46724, da Capital, «para aplicarem onde fizer mais falta. Peço a Deus que vos dê força para aguentarem a grande pressão porque têm passado. Agradeço uma oração pela alma de meu Marido». Família cristã!

Mais cem euros, da assinante 30424, de Redondo (viva o Alentejo!).

O assinante 6240 saúda o nosso Pai Américo e manda 150 euros, «com um abraço do velho amigo».

Mais 40 euros, de Pinhal Novo, pela mão do assinante 16696.

Dez euros, de Leiria, assinante 78761. Em nome dos Pobres, a nossa gratidão.

Eis o endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes



Momento de convívio, em 16 de Julho, na Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

Paço de Sousa

DESPORTO — A época 2005/06 acabou. Acabou como começou: com gente que trabalha pelos Rapazes, para os Rapazes, quer sejam ou tenham sido gaiatos e que não tenham actividades futebolísticas, fora do nosso Grupo Desportivo. Só assim é possível haver e compreender o verdadeiro espírito de uma Casa do Gaiato; só assim se pode compreender e acompanhar melhor os Rapazes, em todos os seus actos dentro da nossa comunidade; quer nas andanças futebolísticas, quer no seu dia-a-dia. Já o disse uma vez, e volto a repetir: nós não andamos nos futebolis por causa da bola, mas sim por causa dos Rapazes. Doutra maneira, sentiríamos-nos a mais, e todos estão a mais, se o objectivo não for esse, digo eu. O futebol, dentro desta família, não deve e não pode ser encarado como um grupo de futebol profissional. Não se realizam os treinos e os jogos, quando não temos mais que fazer, ou quando nos apetece dar uns pontapés na bola. Às vezes...! Mas é assim que este grupo de Rapazes se sente feliz. Já por cá passaram alguns e sempre pertencentes à família; agora estamos nós, e depois de nós, outros virão se Deus quiser. É bom que ninguém se deixe influenciar por aqueles que nada fazem e que gostam de jogar fora das quatro linhas. É preciso muito espírito de sacrifício e, sobretudo, muita humildade, para fazer parte deste grupo de trabalho.

Não somos melhores do que ninguém. Não. Nem pensar! Mas também não somos nem está ninguém inserido no grupo que seja «ceguinho». Trabalhamos durante todo o ano, quer chova, quer faça sol. Não viramos a cara à «luta». Encaramos todos os jogos com desportivismo e fair-play. Durante a época, fizemos 41 jogos. Marcamos 157 golos e sofremos 73. Obtivemos 26 vitórias; 10 empates e 5 derrotas. É evidente que quando se disputaram os últimos jogos, já tínhamos milhares de minutos de futebol nas pernas de cada um, e já pensávamos mais nas férias do que no futebol. Eu sei que faz confusão na cabeça

daqueles que têm «fome» de futebol. Daí, quando se ganha a Paço de Sousa, é a vitória da época. Por essas e por outras, cada vez nos dá mais prazer procurar fazer mais e melhor. Calcamos relvados e centros de estágio que alguns dos que jogaram contra nós, jamais, à partida, terão essa oportunidade.

Aqui vão os 6 melhores marcadores desta época: «Bolinhas» 31 golos; Abílio 17; «Russo» 15; Rogério 14; Ilídio e Gil 11.

Agora vamos descansar, e preparar a próxima temporada que começa em meados de Setembro e acaba no final de Junho de 2007. Este ano não foi possível realizar o Inter-Casas, pelos motivos que todos conhecem, mas, para o ano, se Deus quiser, pode ser que alguém... dê o primeiro passo nesse sentido. Mesmo assim, não deixamos de fazer o intercâmbio entre Paço de Sousa-Setúbal e vice-versa, como o cronista, da nossa Casa do Gaiato, da Cidade sadina, o referiu na altura própria. O Inter não nos faz falta para podermos ter actividades, mas é um convívio que todos adoramos. Não alinhámos em tudo... mas, convidamos e somos convidados para tudo. Este ano fomos obrigados, por falta de tempo, a dizer não a alguns convites. Não te rias... que é verdade!

Também se realizou, no dia 15 de Julho, o jogo entre gaiatos: os ainda e os antigos, com vitória a pertencer aos primeiros por 4-3. Correu tudo muitíssimo bem. Por isso, estamos na disposição de o voltar a fazer, quando uns e outros quiserem, e se proporcionar tais encontros.

Para terminar, queremos agradecer a todos aqueles que colaboraram com o Grupo Desportivo, especialmente às pessoas de bom senso, pelo carinho e compreensão que tiveram para com todos nós ao longo desta época; a todos aqueles que, não pensando da mesma maneira, fizeram, sem querer, com que o trabalho de grupo fosse ainda mais realçado. Nesta hora de agradecimentos, não queremos deixar no lote dos «esquecidos» o Paulo («Merendas»), que tem sempre a carinha impecável, para nos deslocarmos onde quer que seja.

Alberto («Resende»)

Associação de Antigos Gaiatos do Norte

ENCONTRO — Correu bem. Estiveram presentes mais pessoas do que contávamos, o que se reflectiu na hora da refeição.

Começámos a festejar o cinquentenário no sábado, com provas de atletismo, apadrinhadas pela Rosa Mota, que fez a entrega dos prémios, visitou a Casa e almoçou com os Rapazes. Muito obrigado pela sua presença, apoio e incentivo que foi para os Rapazes. Tal como Padre Acílio disse: «uma vencedora que nunca desiste». Um exemplo para a vida deles.

O Miguel responsabilizou-se pelo som, neste dia. O nosso obrigado, extensivo a todas as pessoas que contribuíram para este festejo.

No Domingo, começámos com uma cerimónia singela na Capela, de que constou a deposição numa coroa de flores no túmulo de Pai Américo. Antes, o Carlos Gonçalves proferiu algumas palavras de incentivo à união de todos. Depois, foram lidos dois textos de Pai Américo, escolhidos pelo Padre Carlos, para reflexão do dia. Seguimos para o Museu de Pai Américo, na antiga casa da eira, onde estão expostos passos que deu. Desde a sua vida em África, até à fundação da Obra da Rua.

De seguida, o ponto central do dia: a Eucaristia, no largo entre o hospital e a casa III, presidida pelo Padre Acílio e com a presença dos nossos Padres das Casas do Continente e de África, o Padre Telmo (Malanje) e o Padre Manuel António (Benguela), e outros sacerdotes Amigos da Obra.

O almoço foi servido no mesmo recinto, assim como a merenda. O «lago» foi sala-de-estar deste dia, com música de dois grupos de antigos gaiatos. O do Godinho, que actuou primeiro; e o do Faustino, que actuou durante a merenda. A ambos o nosso muito obrigado.

Também um obrigado especial aos nossos cozinheiros. «Flora», da Casa

do Gaiato de Paço de Sousa; e ao grupo de antigos gaiatos da Associação de Setúbal que acompanharam o Américo Pinto.

Um outro obrigado especial a todos os que foram convidados e aceitaram estar presentes na ajuda à cozinha, na colocação das mesas e na hora de servir a refeição e a merenda.

Lamentamos que a participação para assuntos relacionados com a nossa Associação seja tão fraca. Nestes momentos juntámo-nos para conviver, mas vimos pelos comes e bebes, esquecendo os assuntos urgentes e de elevada importância que necessitam de discussão e empenho de todos.

Num à parte: a falta de educação de alguns que, depois de servidos, não deixaram o seu lugar como o encontraram. O que sobrecarregou os responsáveis pela limpeza.

Este ano foi assim. Para o ano será como Deus quiser.

Júlio Fernandes («Régua»)

Entre tanto

Américo Monteiro de Aguiar
Pela graça de Deus, Padre da Rua.
Que veredas trilhaste,
Que tugúrios e enxergas revelaste!
Teus Pobres, teus Doentes incuráveis,
E as Crianças, meu Deus!, que este País
Deixava — e deixa! — ao abandono...
E tanto, tanto mais...
Que chagas sociais
Te deram a provar o gosto do martírio!
Jesus! Jesus! Jesus!
Quanto mais fraco o ser,
[mais dura a cruz...]

Ora bem!

Posto que «quem não trabuca,
Não manduca»,
Estivéssemos na escola,
A varrer, regar as plantas,
Formigando à padiola,
No campo ou nas oficinas,
Em chegando o meio-dia
Mal a sineta tocava
A mesa nos reunia.

No topo do refeitório
Bem no centro da parede
Sobre uma jarra enfeitada
Com uns ramitos de cedro,
De teu retrato exalava
Um doce olhar de vigília,
Como se nos envolvesse
E a cada um de nós dissesses:
— Aqui tens uma família!

Américo Monteiro de Aguiar
Pela graça de Deus, Padre da Rua.
Naquele Julho de cinquenta e seis
A estrada te levou
Mas entre nós a Obra continua.

Pelo cinquentenário da morte de Pai Américo (por quem teve, durante um ano, a incumbência de lhe enfeitar a jarra).

Quatro Lagoas, Julho de 2006
Joaquim Santos Silva

Setúbal

FESTA DE PAI AMÉRICO — Um grupo de 26 rapazes foram à nossa Casa de Paço de Sousa, comemorar os cinquenta anos da morte de Pai Américo. Foi nessa Casa do Gaiato que o Pai Américo viveu a

maior parte do tempo. Construiu a Aldeia dos Rapazes igual às Casas do Norte do País. No Sul elas são diferentes.

PRAIA — O segundo grupo já foi para a praia, em nossa casa da Arrábida. Os do primeiro grupo vieram contentes. Na praia há mais tempo para descansar e para nos divertirmos. Os rapazes gostam muito de ir ao banho ao mar e de jogar a bola na praia, quando há pouca gente.

SILAGEM — Já começámos a silagem do milho. Uma máquina corta e desfaz o milho e lança-o para o reboque. Quando o reboque está cheio vai descarregar no silo. Os rapazes espalham a silagem e deitam sal. Depois o tractor calca a silagem. No final põe-se um plástico a tapar para proteger do sol e da chuva.

Ángelo Pires

Malanje

Quis Deus, neste dia e nesta hora, 16 de Julho de 2006, juntar todos os nossos antigos gaiatos e os nossos Padres das Casas do Gaiato de Portugal e de África que se reuniram no mesmo Altar, para celebrar, festejar e agradecer os cinquenta anos da morte do querido Fundador da Obra da Rua: Pai Américo.

A Casa do Gaiato de Malanje, como parte integrante da Obra da Rua, esteve com o seu Bispo em comunhão na Celebração, onde todos os gaiatos e povo vizinho cantaram e rezaram, para agradecer todo o bem que a Obra da Rua tem feito, ao longo de todos estes anos, em favor de quem mais necessita.

Tudo foi cuidado ao pormenor. O lugar escolhido para a nossa Celebração foi a nossa lagoa. Um parque agradável onde a brisa e os raios de sol nos proporcionaram um ambiente acolhedor para uma boa reflexão. Esteve conosco o senhor Doutor Juiz da cidade de Malanje, a quem muito agradecemos, compartilhando da nossa alegria na celebração e na refeição.

As Irmãs Clarissas fizeram o bolo de aniversário com muito carinho, sem que nos pedissem um só kuanza. De igual modo as Irmãs de S. José, com uns bolinhos para distribuir aos filhos do povo que participaram na Celebração. Uma alegria contagiante onde nada faltou, até um vitelo para a refeição do almoço. O Senhor Bispo D. Luís Maria fez questão de falar aos nossos da importância que a festa tinha para a Obra da Rua. Cantou-se os parabéns, partindo-se, de seguida, o bolo e distribuindo-se a cada um. O nosso Padre Telmo não foi esquecido na Celebração pelo nosso Bispo, falando do seu exemplo de humildade, de sacrifício e pela Obra realizada em Malanje, ajudando, assim, muitas famílias angolanas na sua sobrevivência como na construção dos seus lares.

Por tudo isto, quero deixar um agradecimento a todos quantos de perto estiveram em comunhão com a Obra da Rua. Para que a coragem de seguir o exemplo do saudoso Pai Américo nunca nos falte e para que um dia seja elevado aos altares o seu nome. Um bem-haja a todos.

Júlio Silva

Lar do Porto

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — «Cada freguesia cuide dos seus Pobres», palavras sábias do nosso querido Pai Américo, que tanto trabalhou para o bem-estar dos mais necessitados.

Pessoalmente, Pai Américo toca-me bastante, através dos seus escritos, nos

quais diz: «Nós é que temos de ir ter com os Pobres e não os Pobres virem ter conosco». Já há anos que sou vicentina e estou plenamente de acordo com ele.

Os Pobres devem ser vistos com amor e fazendo parte da nossa família em Jesus Cristo. De todo o bem que cá semeámos, receberemos os frutos quando Ele nos chamar.

Vou dar-vos o testemunho de uma família carenciada que tem quatro filhos todos pequenos.

Habitam um espaço não recomendável, os vizinhos foram desalojados pela Câmara e ficaram sozinhos.

A necessidade é muita e, se não tivermos amor e perspicácia, facilmente seremos levados a crer que está tudo bem. Ele procura esconder a sua pobreza, dando-nos uma imagem errada da sua realidade e, quando confrontado com ela, fica acabrunhado ou tenta desviar a conversa. Trabalhou nas obras da ponte, tentou outros trabalhos, mas falta qualificação profissional e a cabeça pouco ajuda a fixar-se no trabalho.

Tudo vai indo, ele consegue arranjar sucata e vai vendendo, os vizinhos também procuram ajudá-lo com o que podem. Além da pobreza tem o telhado a cair. Não tem dinheiro para o arranjo. A Conferência também não tem meios financeiros para os ajudar e já fomos informando os nossos visitantes que não sabemos se no próximo mês os podemos acudir.

Por este motivo apelamos aos vossos corações que, neste Inverno, esta família não o passe chuvoso e gelado dentro da sua própria casa.

Esperamos as vossas ofertas para:

Conferência de S. Francisco de Assis, Rua D. João IV, 682 — 4000-299 Porto.

Casal José Alves

Associação de Antigos Gaiatos de Lisboa

CINQUENTENÁRIO DA MORTE DE PAI AMÉRICO — É pelas Obras da Caridade que os homens conhecem e se apercebem da existência de Deus. Caridade que não seja uma palavra vã, nem seja uma conjectura, muito menos uma pintura. Muito menos, ainda, a maneira como o mundo mentiroso costuma aplicá-la e apresentá-la — foram palavras proferidas em Lisboa (no Tivoli) por Padre Américo Monteiro de Aguiar, em Junho de 1956, um mês antes de sua morte. Cinquenta anos depois do seu desaparecimento (16 de Julho de 1956), a sua memória continua bem viva e os seus filhos e seguidores ainda recordam o amor que Pai Américo tinha para com os Pobres.

Em 1956, aquando de uma ida aos Açores, começou a falar insistentemente na morte que o rondava; dias depois, a 14 de Julho, teve um acidente de viação. Depois de longas horas de sofrimento, faleceu a 16 do mesmo mês no Hospital de Santo António, no Porto. No elogio fúnebre, em Paço de Sousa, um Padre resumiu numa frase toda a vida de Pai Américo: «Orava em silêncio — mais praticando do que falando».

Pai Américo percorreu Portugal e o Mundo, pregando a caridade «em obras e em verdade». As suas palavras marcavam todos os que o ouviam e se cruzavam com ele.

Assim, estamos aqui hoje, neste dia especial, para assinalar o cinquentenário da sua morte. Nós, filhos e exemplos vivos da sua riqueza espiritual, esperando que sirvamos também de exemplo para gerações futuras. Pai Américo um homem diferente, corajoso, franco e duro, que se definiu assim: «eu sou um revolucionário pacífico, um pobre que sangra, um pai que chora, um português que ama».

Ángelo

Associação da Comunidade «O Gaiato» de Setúbal

No passado dia 16 de Julho, comemorámos o cinquentenário do nascimento para a Vida Eterna de Pai Américo. Sim do nascimento e não da morte. Não pode ser de outra forma. Alguém que tanto amou os mais Pobres e humildes, os abandonados, os desfavorecidos da sorte (como chama S. Paulo aos doentes). Está, de certeza, sentado à direita de Deus.

Convictos disto mesmo, quisemos homenageá-lo. A Associação reuniu uma data de malta dos antigos, juntámo-nos aos novos e, de autocarro, fomos por aí acima, até Paço de Sousa.

As comemorações haviam começado na véspera, mas as vicissitudes da vida, impediram-nos de estar presentes nos dois dias. Este dia, no entanto, era o mais importante. E isso mesmo pudemos constatar à nossa chegada. Eram muitos os carros e alguns autocarros estacionados à porta da nossa Aldeia e pela avenida fora. Havia gente em barda. Muitos dos filhos do início desta Obra quiseram marcar presença. Vieram Rapazes de todas as casas, dos antigos e dos novos. Estavam presentes os nossos Padres, os seguidores do Pai Américo.

Aqueles que decidiram tudo deixar, para se entregarem, de alma e coração, a nós. Estavam presentes os nossos Amigos, os que nos acarinharam, que acreditam em nós e nos nossos métodos. Todos viemos marcar presença e dizer em uníssono: «Bem hajam Pai Américo por tudo o que fizeste por nós». Só não vimos a presença da comunicação social, ocupada em seguir outras celebrações (não oficiais), presididas por gente, ainda que da Igreja, muito mais importante que nós e mais preocupada em denegrir a imagem da Obra da Rua e servir interesses político-económicos, do que servir a Deus. Mas não falemos de coisas tristes...

Dos momentos altos deste encontro falarão, certamente, os responsáveis pela sua organização. Eu apenas quero salientar o entusiasmo e a disponibilidade com que alguns foram daqui, de terras do Sado, ajudar na confecção do almoço... Estava delicioso.

Outro momento de grande emoção e comoção foi a entrega, aquando do ofertório, dum quadro, onde Pai Américo é retratado pelos olhos da autora. Bonito. Muito bonito e ao mesmo tempo grandioso. E o poema declamado no final da homília! Magnífico! Pura e simplesmente magnífico! E magníficos foram também os exemplos de vida dados no final da Eucaristia. Serviram para incentivar os Padres e todos nós a continuar esta Obra, que é nossa. Mas serviu, também, para que os Rapazes, actualmente na nossa Casa, possam pensar no caminho que querem seguir. De certeza aquele que faz deles Homens. Homens em pleno, capazes de enfrentar as vicissitudes da vida, de cabeça erguida. Amigos, responsáveis, trabalhadores exemplares... Não homenzinhos, criados numa redoma de protecção e de psicologias da treta e que, ao mínimo revés, correm logo a socorrer-se dos pai-zinhos, ou de alguém que possa resolver os problemas por eles. Não... Pelo exemplo, pelo assumir das suas responsabilidades (logo desde cedo), pelo trabalho e pelo amor que é colocado em tudo o que por aqui se faz, eles aprendem a ser Homens.

E, depois de muitas conversas colocadas em dia, depois de muitas recordações dos bons momentos passados juntos, depois de dizerem que eu sou o filho: «do Rapaz que comia na minha mesa ao teu lado», quando me apresentavam a um dos antigos, depois de tudo isto, já quando o sol começava a espreguiçar-se no horizonte, é chegada a hora de regressar, pois que o dia seguinte é de trabalho. E lá viemos, cansados, mas muito felizes.

Fernando Pinto

O carisma de Pai Américo

Continuação da página 1

cluír, com dificuldade, imagine-se, o seu curso de teologia foi indicado para tomar conta do serviço humilde da Sopa dos Pobres. A mesma inadaptação tem sofrido, até aos dias de hoje, a sua obra de promoção dos pobres e abandonados e a acção pedagógica em favor das crianças abandonadas.

Quem era então este homem impetuoso até à obstinação, modelo de santidade sem ser um padre edificante, pedagogo eficaz sem constranger ninguém, promotor da autonomia dos Pobres sem os obrigar à gratidão humilhante, despertador da dignidade dos que não tinham nem onde morrer, sem anestesiar a sua condição humana?

O Padre Américo era um cristão. Não nasceu cristão. Fez-se por efeito da graça que elege gratuitamente. Andava ele no mundo quando aprouve a Deus abordá-lo. Ele próprio fala disso com a frescura da sua espontaneidade. Foi «uma martelada» que lhe mudou a vida. A partir daí, não foi o passeio de um super-homem, mas a história de uma ascense pessoal que contagiou muitos e se materializou numa obra.

Se tivéssemos de caracterizar o sentido das obras em que se materializou o carisma do Padre Américo, cremos que elas provêm daquilo que, depois dele, se houve de chamar «a opção preferencial pelos Pobres». Alguém poderia pensar que aquilo que o moveu é um impulso de filantropia ou mesmo uma vocação para a justiça social. Mas nenhuma dessas direcções nos leva na direcção recta. Nos seus escritos, não existem muitos elementos de ética social ou mesmo de Doutrina Social da Igreja. Não quer dizer que lá não estejam. Mas o registo não é esse. As obras nascem e crescem por apelo do Pobre enquanto pobre, no sentido sociológico (aquele que não tem outro socorro) e do Pobre em sentido teológico (o Pobre como aparição do real sem mediação). Não há uma teoria para justificar a obra do Gaiato, ou o Património dos Pobres ou o Calvário. Há um apelo do rosto do indigente. Não há uma inclinação do reconhecido na direcção do indigente; há uma conversão de ambos à fraternidade que aproxima.

As criações do Padre Américo têm tido algumas dificuldades, sobretudo a Obra do Gaiato, como é conhecido de todos. Independentemente de uma eventual justificação da intervenção dos poderes públicos, coisa que não está em causa neste momento, o aspecto que parece mais relevante é a dificuldade de levar por diante uma coisa que tem a marca quase intransferível da subjectividade do seu criador. Seja a Igreja, seja o Estado, quando se abeiram dela, para melhorar o que é perfectível ou inaceitável, cinquenta anos depois, têm de ter em conta este factor que é a riqueza mais importante dela».

Padre Jorge Teixeira da Cunha

«Dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus»

Continuação da página 1

os outros. Ele, que conhecia as vantagens de bem-estar, desposou, como S. Francisco, a Pobreza, para poder acudir, com liberdade evangélica, às carências desumanas dos irmãos. No século XX, ninguém como ele defendeu «O Pão dos Pobres»... O Pobre era o seu título de glória, a sua testemunha de defesa, o objecto da sua especial devoção. Por isso, lhe chamaram logo «O Pai dos Pobres!» Ele tornou-se na imagem viva do pai que procura o pão para os seus filhos.

A Pobreza do Padre Américo era forma de vida, força de liberdade, sinal de espírito profético. A eloquência da sua luta à pobreza provinha do seu amor ao Pobre enquanto pessoa. Era fruto da Caridade cristã, não imperativo da engenharia social. Era testemunho de firmeza nos princípios cristãos, não sinal de arrogância impertinente. Por isso, ele teve de enfrentar as incompreensões e as críticas daqueles que pairavam fora do seu universo de valores...

3 — Confrontado com a Vida e Obra do Padre Américo, parece-me que a sua actualidade continua a ser um facto incontestável. Perante as novas formas de pobreza, perante a desagregação das famílias, os objectivos da Obra do Padre Américo não terminaram. O Estado Social conta com uma franja enorme de filhos abandonados, de drogados desesperados, de idosos abandonados, que a técnica de escola e a ideologia de partido não são capazes de resolver, só por si. A tensão entre uma Engenharia Social e um estilo de vida familiar deveria resolver-se para bem das pessoas em causa.

O alto perfil do Padre Américo não pode macular-se com atitudes de ignorância arrogante nem de facciosismo ideológico ou anti-religioso, como denunciava recentemente o Bispo de Aveiro. Se o Padre Américo faz parte do nosso património nacional e eclesial, não é justo encobrir tal herança com um insensato farisaísmo nacional, num momento em que é mais importante dar-se as mãos do que ignorar ou condicionar quem tanto tem contribuído e contribui para a recuperação e formação digna de tantas vidas humanas.

Mons. Arnaldo Pinto Cardoso

Benguela

Pai Américo foi luz neste caminho

AINDA não escrevo estas Notas, de Benguela. Meu coração, entretanto, não descansa enquanto não bater bem junto do coração dos que lá ficaram. Quanto mais ferido vejo o rosto daquele Povo, pela doença, pela fome, pela pobreza extrema e miséria, mais paixão cresce dentro de mim. A mãe terra de Angola tem mesa rica para todos os seus filhos. A maior parte, contudo, não goza do direito que lhe pertence. É vítima inocente.

A nossa Casa do Gaiato de Benguela quer continuar a ser a coluna a que se agarram os mais fracos, para poderem manter-se com vida e caminharem. Este serviço nobre é alimentado pelo amor sincero que queima vossos corações. Ai de nós, se a fogueira se apagasse! Ai de tantos pais e filhos que ainda vivem e crescem, unicamente porque são amados! Neste tempo que estou a viver em

período de cura, chegou-me a notícia de que a nossa conta no banco estava no fundo. Valeu-nos a generosidade dum coração muito grande para tapar, de momento, o buraco e pôr a vida a jorrar. Quer dizer que a nossa segurança e a segurança da multidão presa às nossas mãos, está nas vossas mãos, de que Deus se serve para mostrar o Seu Amor aos filhos mais pobres e abandonados. Queremos viver nesta Confiança.

Meus olhos poisam, agora, nos mais pequeninos para os ajudar a ser «gente». Quantas vezes, ao subir o morro, onde está o bairro, vejo-me rodeado por uma multidão de crianças, que vivem misturadas com o pó e a lama, e me interrogo: — Quem as vai ajudar a crescer para serem cidadãos normais da sua terra? Não têm família? Sim, mas logo de manhã cedo, vão à busca de qualquer trabalho para ter um pouco de comida. As crianças ficam abandonadas,

sem escola, sem acompanhamento.

Perante este problema, preocupamos uma resposta que é o complemento da Casa do Gaiato. A vinda de duas Irmãs possibilitou a abertura dum Creche e uma casa para ocupação dos tempos livres destas crianças. Queremos ir, o mais possível, à raiz dos problemas. Não ficamos de braços cruzados. Não queremos apenas lamentações. Por este caminho não resolvemos nada.

Pai Américo foi luz neste caminho. Perante os problemas sociais que tinha diante dos seus olhos, buscava um princípio de solução. Não ficava indiferente. Bem sabia que não podia resolver todos os problemas. Mas dava a sua quota-parte. Quem dera fôssemos também assim! Quem dera fizéssemos o que podemos! Uma forma eficaz é ajudar a resolver.

Bem sabemos que os problemas são montanha. Mas sabemos também que com Fé e Amor somos capazes de empurrar as montanhas.

A propósito dos pequeninos, quero dizer-vos que o nosso menino operado, que veio de Angola para casa dum casal, ele médico e ela professora, com cinco filhos, está a recuperar bem da operação delicada à coluna vertebral.

Há, sem dúvida, a força da Técnica. Não faltou, contudo, o envolvimento do Amor e da ternura.

Padre Manuel António

Calvário

Ressurgir

O dia escoia-se lentamente. Os pássaros fogem para os esconderijos. E os nossos Doentes, subindo as escadas da Capela, suspensa em cogumelos de granito, recolhem-se para a oração da tarde. Uma luz ténue, coada pelos vitrais das inúmeras frestas laterais, convida ao silêncio. Estou presente.

Uma rapariga, cega, inicia a oração. Todos respondem pausadamente, sem pressas.

Ao ouvir quem dirige a oração, vem-me ao pensamento uma criança que recebi há 42 anos.

Fui, então, ver a situação. À porta da casa, num monte de mato meio apodrecido, uma criança semi-nua aquecia-se ao sol. Olhei bem e percebi que era cega, não tinha cabelo, nem dentes e estava extremamente desnutrida. Entrei em casa e dei com a mãe, enrolada no chão, com dores. Era um carcinoma gástrico que a moía daquele modo.

Procurei inteirar-me deste viver. O marido passava os dias fora. Por isso, estavam sós o dia inteiro. A pequena nunca bebeu leite, que a mãe não o tinha para lhe dar. Dáva-lhe água com farinha e a criança já ia nos seis anos de vida.

Sem formalidades, trouxe as duas para o Calvário, como me haviam pedido.

Em nossa Casa pesei a criança: quatro quilos e alguns gramas.

— *Agora, posso morrer descansada que a minha filha fica bem entregue* — diz a mãe, ao ver-se numa cama e a filha ao colo de um doente.

A criança foi vista por vários médicos, alguns catedráticos, a todos pareceu ser demasiado tarde para que houvesse, ainda, capacidade de sobrevivência. O próprio Ministro da Saúde de então veio vê-la e colocou-me os hospitais próximos à disposição para uma tentativa de recuperação.

Não foi preciso. Bastou o colo de algumas velhinhas que aqui se encontravam e uma alimentação adequada. A criança, contra todas as indicações e perplexidades clínicas, começou a crescer, a engordar, o cabelo a aparecer e a mente a desenvolver-se. Foi crescendo, tornou-se jovem, mulher e, hoje, está aqui a presidir à oração da tarde. Serenamente, com voz timbrada, impõe presença.

Naquele tempo, um homem aflito acercou-se de Jesus para que Este fosse curar-lhe a filha. Ao chegarem a casa, a criança estava morta. Jesus contesta e diz que ela apenas dorme. Aos risos e à mofa, Jesus mostra-lhes a criança viva.

Hoje, Jesus não anda por aí a fazer milagres. Quer que sejamos nós a tentar fazê-los.

A oração termina. E a voz de quem preside convida os Doentes: — *Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!*

Senhores Cardeais romanos, Pai Américo ficaria muito contente se este «sinal» servisse para vossa decisão.

Padre Baptista

A Família

Continuação da página 1

dois mais velhos me vieram dizer que iam para um clube. Foi uma dor que deixou marca.

O mais novo acabou também por ir — continuo a pensar que antes do tempo certo — e depois de um 10.º ano vencido claramente sem qualquer sombra de dúvida e com um comportamento tal que lhe mereceu para o ano seguinte uma bolsa de vinte contos mensais, bolsa que ninguém pediu, foi a Escola que espontaneamente lha atribuiu; mas ele já não esteve para a receber. Vive e trabalha na Suíça em situação materialmente confortável. Mas até onde poderia ter voado esta águiazinha?...

Com estas premissas conclui-se facilmente a alegria profunda que me deu a carta recebida, há dias, justamente do que aspirava à Faculdade do Desporto.

«Padre Carlos, é com muito gosto que lhe envio o meu Certificado de Habilitações. Recomecei a estudar há dois anos atrás e terminei no mês passado.

Junto envio-lhe também umas fotografias do meu filho Diogo, no dia do seu Baptismo e outra de agora.

É com muita pena minha que não vou poder ir ao con-

vívio do 16 de Julho, mas assim que tiver oportunidade irei visitá-los.

Um abraço Toni.»

É claro que não vou transcrever o Certificado que diz a sua classificação: «142 pontos para o acesso à Faculdade» (Ai a Filosofia que foi a má da peça!) Mas o gosto com que ele me enviou (gosto que ele adivinhou em mim e gozou antes de me dar), se não apaga, atenua a marca dolorosa de há tantos anos e repõe-nos na esperança de que a meta daquele tempo volte a ser a meta, com certeza mais rica de felicidade do que foi a metazinha imediata que então o iludiu. A sua mulher, o seu filho, serão para ele estímulos fortes para o esforço indispensável a assumir. Mas vale a pena: esse será o grande golo da sua vida.

Eu já não terei a satisfação de ver cortada essa meta, mas sabê-lo a correr para ela é já um grande conforto. E dou graças a Deus pela força que nos vem dos filhos criados, para afrontarmos os trabalhos que naturalmente provocam os filhos a crescer. Em uns e outros, só neles, reside, neste mundo, o poder profundo de nos prostrar na inquietação e nos arrancar dela: angústias de morte e sabores de ressurreição. É deles que Deus Se vai servindo para nos manter na Esperança que levou Pai Américo à opção fundamental: «Eu quero os meus filhos no Paraíso».

Padre Carlos

Setúbal

Providência de Deus

TIVEMOS, por feliz coincidência, a presença entre nós dos nossos padres que estão nas Casas do Gaiato de Angola e Moçambique.

A sua entrega e «incarnação» naqueles povos, ao longo dos últimos quarenta anos, foram um modo de ter Jesus visível. Ele que veio ao mundo assumir a carne da nossa humanidade. Este é o princípio de todas as grandes realizações.

Ao vê-los, consumidos nos trabalhos da vida, com a mesma alegria do princípio, vemos realizada a verdade de que «ninguém tem maior amor que o de quem der a própria vida pelos seus amigos».

São multidões que os procuram, e eles tantas vezes sem saber onde irão buscar o que lhes dar... Confiança na Providência de Deus, o

mesmo que fez Pai Américo avançar. No seu tempo, época de Guerra Mundial, com privação generalizada de pão, nunca faltou a farinha na tulha nem o azeite na almotolia.

Quanto espaço para Casas do Gaiato naqueles e noutros países onde há tantos filhos sem pai nem pão?!

Entre nós, que já nos pensamos ricos, andam muitos iludidos com a ideia virtual de que já não temos Pobres. E então que fazem quando eles aparecem? Mandam-nos para meios que disfarçam a Pobreza, para junto daqueles que põem no seu lugar nomes pomposos e polidos, para que não se diga nem pense que em Portugal há Pobres.

Assim aconteceu recentemente com dois pequenos que foram retirados à família, nossos vizinhos próxi-

mos. O pároco ao saber da retirada, perguntou-nos se teríamos lugar para eles. Disse-lhe que para crianças Pobres temos sempre lugar, ao mesmo tempo que o advertia que se dependesse da Segurança Social a sua colocação, eles não viriam para nós. E assim sucedeu.

Nós continuamos a acreditar que «a nossa maior riqueza é a nossa pobreza», no dizer de Pai Américo. Ao longo de décadas esta verdade viu confirmada, se necessário fosse, a sua autenticidade. Ela nasce na confiança na Providência de Deus, não nas capacidades ou na bondade dos homens.

Nunca o Evangelho encontrou terreno fértil onde o espaço para acolher as sementes de Deus é tão limitado. Assim são os corações de quem não põe a sua confiança n'Ele — pequenos.

Encontrarão, no entanto, outros campos onde possam transformar-se e dar fruto, tal como a chuva que cai sobre a terra e obrigatoriamente produz o seu efeito.

Padre Júlio

Casa do Gaiato de Benguela

Festa do Pai Américo

NO Domingo passado, dia 16 de Julho, celebrámos a Festa do nosso Pai Américo. Desta vez, uma Celebração especial. São os cinquenta anos da sua morte.

Começámos o dia com a Celebração Eucarística, no Mosteiro das Monjas Dominicanas. Foi uma Eucaristia cheia de vida, solene e muito profunda. As leituras da palavra de Deus levaram-nos a reflectir sobre a vida da Obra da Rua; sobre o caminho que temos feito como família. Como dizia Santo Agostinho «não existe caminho. O caminho se faz...» À medida que o tempo passa, a Obra da Rua tem a oportunidade de dar seus passos, fazer suas experiências e reflexões. Seguindo o exemplo de Pai Américo, temos o desafio de caminharmos juntos como Família.

A nossa vida, como membros da Obra da Rua, acontece, de verdade, naquilo que construímos no dia-a-dia, sem nos preocuparmos com o

que os outros dizem ou pensam de nós. É o que é, na verdade, do que somos e vivemos diante de Deus. Procuramos ensinar os nossos Rapazes a aproveitar o máximo de cada dia para se formarem como homens. Vivemos do trabalho que realizamos todos os dias. E, hoje, ao celebrarmos a Festa de Pai Américo, estamos conscientes da responsabilidade que temos de «fazer de cada Rapaz um homem».

Depois da Eucaristia tivemos o almoço no Salão de Festas. Muito bonito! Estiveram presentes os antigos gaiatos. Tivemos uma refeição com muita Paz. Sentimo-nos em Casa, como Família. Partilhámos o que havia e não faltou nada para ninguém.

Terminámos o dia com a parte recreativa.

Mantenhamo-nos unidos no coração. O Senhor, que tudo conhece e conduz, seja sempre a Força que nos anima.

Padre Custódio